

## BELA, RECATADA E “DO LAR”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA MATÉRIA QUE PAUTOU O DEBATE DE GÊNERO NAS REDES SOCIAIS

## BEAUTIFUL, MODEST AND “HOUSEWIFE”: A DISCOURSE ANALYSIS OF THE NEWS REPORT THAT GUIDED THE GENDER DEBATE IN SOCIAL MEDIA

Renata Barreto Malta\*

Suyene Correia Santos\*\*

### RESUMO:

Este artigo parte de uma revisão bibliográfica que discute o gênero como construto cultural e sua performatividade modulada pelo discurso. Baseando-nos nessa premissa, propomos a análise do discurso de uma reportagem publicada pela revista *Veja online*, intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’” em abril de 2016, com o objetivo de compreender o conteúdo do discurso e seu *ethos*, assim como verificar, em alguma medida, seu contexto. Acerca dos resultados obtidos, especificamente a partir dos itens lexicais e técnicas de argumentação, identificamos um modelo de representação da mulher regido pela heteronormatividade compulsória e pelo patriarcalismo, assim como percebemos papéis sociais díspares no que se refere aos *gêneros* masculino e feminino. A posição do enunciador no que concerne ao contexto político também faz parte do discurso. Como repercussão, observamos uma avalanche de outros discursos, grande parte de resistência ao modelo de representação ali retratado, mas também conservadores, os quais dão forma a discursos plurais imersos nos sistemas simbólicos midiáticos, pautando o debate de gênero, especialmente nos espaços virtuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Performatividade de gênero, análise de discurso, revista *Veja*.

### ABSTRACT:

This article starts with a literature review that discusses gender as a cultural construct and its performativity modeled by the discourse. Based on this premise, it is proposed the Discourse Analysis of a news report published by the magazine *Veja online*, entitled

\* Professora do curso de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenadora no Brasil do Grupo de Pesquisa internacional CHISGAP. renatamaltarm@gmail.com

\*\* Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). suyenesantos@gmail.com

“Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’” (Marcela Temer: beautiful, modest and housewife) in April, 2016, aiming to understand the discourse content and its *ethos*, as well as verifying, in some level, its context. About the results, specifically from the lexical items and argumentation technics, we identified a representation pattern of the woman guided by the compulsory heteronormativity and patriarchy, as well as uneven social roles performed by male and female genders. The enunciator position, considering the political context, is also part of the content. As repercussion, we observed an avalanche of other speeches, mostly of resistance to the representation pattern there portrayed, but also conservative ones, which form plural discourses immersed in media symbolic systems, guiding the gender debate, especially in virtual environments.

**KEYWORDS:** Gender performativity, discourse analysis, *Veja* magazine.

## INTRODUÇÃO

Em 18 de abril de 2016, uma matéria publicada na *Veja* online traça o perfil de Marcela Temer, esposa do vice-presidente da República, Michel Temer (presidente em exercício), e apresenta o título “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’” (LINHARES, 2016). O conteúdo repercutiu nas mídias sociais de forma bastante expressiva e veloz e foi debatido por outros meios de comunicação no ambiente virtual. Assim, propomos para este artigo, primeiramente, uma revisão bibliográfica que nos permita discutir o gênero como uma construção cultural. Características tidas como biológicas, sob uma perspectiva essencialista, são antes interpretações que ganham forma no contexto sociocultural (SILVA, 2007). Mais além, buscamos discorrer acerca do discurso como modulador da performatividade de gênero, ou seja, a identidade de gênero passa a ser construída pelo discurso, baseando-nos nas asserções de Judith Butler (2013). Ademais da trajetória teórica, temos a intenção de analisar a reportagem supracitada por meio da análise do discurso, fazendo uso do protocolo de análise proposto pela pesquisadora Katarini Miguel (2014). Ressaltamos nosso objetivo empírico, o de compreender o conteúdo do discurso e seu tom, assim como em alguma medida verificar seu contexto. Justificamos tal proposta por considerarmos o significado da reportagem e seus desdobramentos, especialmente nas mídias sociais, promovendo um debate nos ambientes virtuais e não virtuais acerca da performatividade de gênero, (in)definição de modelos do feminino e suas rupturas. Assim, uma análise científica do conteúdo desencadeador - reportagem em questão - parece-nos de grande importância para a compreensão acurada do discurso proferido e de seu *ethos*.

## PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO COMO CONSTRUCTO SOCIAL

Expoente dos estudos de gênero, a feminista norte-americana Judith Butler problematiza as questões sobre a formação da identidade e da subjetividade alicerçadas no gênero, “*descrevendo sobre os processos pelos quais nos tornamos sujeitos, ao assumir identidades sexuadas, ‘generificadas’ e racializadas, construídas para nós (e, em certa medida, por nós) no interior das estruturas de poder existentes*” (SALIH, 2012, p. 10). Com bases Foucaultianas, Butler conceitua gênero como “ato performativo”, cuja identidade é construída pelo discurso, ou seja, que dá forma ao que ela nomeia um homem “masculino” ou uma mulher “feminina”. Comentando a célebre afirmação de Simone de Beauvoir (1980, p.09), de que “*ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”, Butler (2013) escreve:

Se o argumento de Beauvoir, de que não nascemos mas *tornamos* uma mulher, está correto, segue-se que a *mulher* em si é um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode dizer legitimamente que tenha origem ou fim. Como uma prática discursiva contínua, ela está aberta à intervenção e à resignificação. Mesmo quando o gênero parece se cristalizar nas formas mais reificadas, a “cristalização” é, ela própria, uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por diversos meios sociais. Para Beauvoir, nunca é possível se tornar, finalmente, uma mulher, como se houvesse um *telos* que governasse o processo de aculturação e construção (BUTLER, 2013, p. 58-59).

Butler aqui afirma que tanto o gênero quanto o sexo e a sexualidade são discursivamente construídos dentro de uma matriz heterossexual de poder, não havendo posição de liberdade para além do discurso. Assim, há uma expectativa da sociedade para com nossa “escolha” do gênero, que não é livre, mas sim limitada e regida por uma série de opressões. Socialmente, espera-se que os gêneros sejam “inteligíveis” - quando há uma relação de coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo (BUTLER, 2013, p. 38).

No caso específico das mulheres, Judith Butler propõe alguns questionamentos em relação ao que circunscreve o lugar tido como “corpo feminino”.

É “o corpo” ou “o corpo sexuado” a base sólida sobre o qual operam o gênero e os sistemas da sexualidade compulsória? Ou será que o corpo em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e constituído de marcadores sexuais? (BUTLER, 2013, p. 185).

Butler enfatiza que a morfologia do corpo é o produto de uma matriz, de um discurso heterossexual que dá contornos àquele corpo. Esses corpos são “generificados” desde

o começo de sua existência social, corroborando o fato de que não há corpo “natural” que preexista à sua inscrição cultural. Sendo assim, ela irá argumentar que o sexo e o gênero podem ser reinscritos, performativamente, de maneira a acentuar seu caráter construído, artificial. Contudo, para a manutenção da cultura hegemônica, não interessam subversões da hierarquização e identidades normatizadas permanecem privilegiadas como modelo de performatividade a ser seguido e reproduzido.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normatização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normatizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas (SILVA, 2007, p. 83).

As ponderações de Silva nos fazem refletir de que modo a normatização de uma identidade tende a inferiorizar e/ou invisibilizar as demais. Com Butler em cena, nesse contexto, a “escolha” de performatividades de gênero expressas em discursos se torna limitada e cerceada. Outro aspecto a ser evidenciado e melhor aprofundado se refere às divisões binárias que posicionam identidades em lados opostos e não admitem intersecções e heterogeneidades. Certamente, identidades hegemônicas assumem esse papel. Contestações ao binarismo trazem à tona outras identidades consideradas híbridas e que colocam em xeque a concepção de identidades exclusivamente segregadas. Assim, identidades que se formam por meio do hibridismo não guardam integralmente as características de suas originárias, se é que podemos afirmar que essas características de fato existam em sua totalidade, considerando a fluidez e o dinamismo que agem sobre as identidades ao longo do tempo.

Ao atrair a atenção para o aspecto cultural e construído do gênero e da sexualidade, a teoria feminista e a teoria *queer*<sup>1</sup> contribuem, enfaticamente, para o questionamento das oposições binárias - masculino/feminino, heterossexual/homossexual - as quais determinam e fixam socialmente, de forma categórica, as identidades de gênero e sexuais. A esse respeito Silva (2007) afirma:

A possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas. O “cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. A evidente artificialidade da identidade das pessoas travestidas e das que se apresentam como *drag-queens*, por exemplo, denuncia a - menos evidente - artificialidade de todas as identidades (SILVA, 2007, p. 89).

A normatização de identidades hegemônicas se perpetua na sociedade e os sistemas simbólicos de representação são importantes espaços para sua manutenção. Ocupar essas arenas sempre foi um grande desafio para identidades subversivas que encontram muito mais resistências do que oportunidades de expressão. Retomando a citação de Butler (2013, p. 58-59), a cristalização do gênero em modelos de performatividades binárias é uma prática insistente e insidiosa e é regulada por diversos meios sociais. Entendemos que os midiáticos são parte significativa desse jogo a partir das representações. Sob a perspectiva de Jacques Aumont (2004), o significado etimológico de representar - “tornar presente”, “substituir”, “presentificar” ou “ausentar” - já denota um paradoxo, que é de uma presença ausente - a do objeto representado - e a custo da instituição de um substituto. “Fundado sobre convenções socializadas que regem seu campo e sua natureza, esse substituto é sempre fabricado, sendo delimitado pela técnica e pela ideologia” (AUMONT, 2004, p. 153). Assim, representar seria necessariamente um jogo de ausências e presenças e, nesse ambiente de disputas, sujeitos são interpelados.

Nas palavras de Silva (2007, p. 91), “representar significa, nesse caso, dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’”. Os discursos inseridos nos sistemas de representação, portanto, apresentam ambientes nos quais, possivelmente, os indivíduos podem se posicionar. Partindo dessa premissa, a representação adquire grande relevância e se torna instrumento de dominação e poder. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2007, p. 91). No cerne da crítica acerca da identidade e diferença está localizada a crítica direcionada às suas formas de representação. O reconhecimento de que a luta e a contestação possuem um ponto central na construção cultural de identidades (HALL, 1990), em uma diversidade de contextos, eleva a importância dos sistemas de representação, considerando que esses sistemas simbólicos contribuem sobremaneira para essa construção cultural de autenticação de identidades e, redirecionando os holofotes a Butler, de performatividades, as quais potencialmente permitem escolhas não cerceadas. Analisar discursos midiáticos, em um período social específico, contribui para o entendimento de como as identidades estão ali representadas, como as performatividades se apresentam discursivamente e em que medida as contestações se fazem presentes.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2007, p. 17).

Esses sistemas de representação são, assim, de grande relevância não apenas para o processo de formação e apropriação identitária, mas também formam, ou deformam, o imaginário coletivo, definindo padrões desejáveis de comportamento e estereótipos. É nesse sentido que o objeto de estudo dessa pesquisa ganha grande relevância.

## METODOLOGIA

Partimos, primeiramente, da pesquisa bibliográfica com o intuito de buscar embasamento teórico relevante à temática apresentada. No campo do empírico, aplicaremos como procedimento metodológico o protocolo de análise apresentado por Miguel (2014), o qual se situa no campo da análise do discurso, tendo como *corpus* a reportagem publicada pela revista *Veja*<sup>2</sup> - versão *online* - no dia 18/04/2016, assinada pela jornalista Juliana Linhares, e intitulada “Marcela Temer: bela, Recatada e ‘do lar’”. A escolha do método se justifica por se tratar de conteúdo da comunicação, verbal e não verbal, e pela intenção de observar a construção da mensagem e seu *ethos* discursivo. Segundo Maingueneau (1989), a análise do discurso objetiva compreender o discurso como estrutura à medida que o mesmo se mune de significado por parte dos interlocutores. Assim, considerando as distintas abordagens do método, propomos determinar um protocolo de análise alicerçado da concepção do *ethos* do discurso, buscando verificar não apenas o que é dito, mas como o é. Encontramos no protocolo proposto por Miguel (2014) um sendeiro pragmático que abarca não só a narrativa textual e não textual, como também o contexto no qual ela está inserida. Por se tratar de um objeto publicado em ambiente virtual, que permite com mais ênfase reações por parte dos usuários, como compartilhamentos e comentários, ressaltamos a pertinência do contexto como, em certa instância, parte do texto. O modelo é composto por três pilares para o entendimento da mensagem: *análise do texto linguístico*, *componentes externos ao texto* e *o contexto*. As três ações se desenvolverão de forma integrada, porém, para a compreensão do discurso, faz-se necessário separá-las. Cada ação proposta consiste em uma parte da análise à qual nosso *corpus* será submetido. A primeira fase de análise do texto tem como foco revelar os indícios textuais, sendo esta dividida em três tópicos: o primeiro consiste em compreender os *itens lexicais*, de grande relevância para a composição da

mensagem jornalística, uma vez que o vocabulário, as locuções e expressões são a base para se compor o código de linguagem, fundamental na formação de um discurso. O segundo tópico se refere ao encadeamento das *técnicas argumentativas*, em que serão observadas as figuras de linguagem, o fenômeno da ironia, as marcas de pontuação, externando o tom ou o posicionamento que o enunciador assume no discurso, conhecendo, desse modo, seu *ethos*. O terceiro tópico se trata da *destacabilidade*, explicando tendências do discurso, em que textos posicionados, como título, intertítulo, olho, legenda, devem ser compreendidos como intencionais e de grande relevância. A segunda etapa da análise se dedica a interpretar os elementos externos ao texto. Neste momento, serão avaliados os elementos que complementam o texto, como imagens, cores e cenas. Entendemos esses elementos como complementares por se tratar de uma reportagem jornalística cujo foco central está no texto verbal, ao menos neste caso específico. A terceira fase se preocupa com o contexto ao qual o objeto de análise está inserido. Aqui, alguns itens foram estabelecidos para avaliarmos a abrangência das mensagens no espaço virtual. As páginas e posts apresentados no artigo, como exemplos da repercussão que a reportagem analisada gerou, foram encontradas pela própria ferramenta de busca do Facebook utilizando as palavras-chave “Bela, recatada e do lar”, e também por meio das sugestões de páginas semelhantes exibidas por esse mesmo site de relacionamento.

O Facebook é o site de relacionamento mais utilizado no Brasil. Pesquisas de órgãos como comScore (REDAÇÃO..., 2014) e IBGE (RIBEIRO, 2017) demonstram que, nos últimos dois anos, o Facebook concentrou mais de 60% dos acessos no país, totalizando uma média de 92 milhões de usuários ativos, ou 45% de toda a população brasileira (45% DA..., 2015). Ademais, realizamos uma busca com as mesmas palavras-chave no Google com a finalidade de encontrar *blogs* e páginas na internet que pudessem nos servir de exemplos. Ressaltamos que esta etapa foi meramente ilustrativa, sem pretensões de abarcar o total de reverberações que a reportagem propiciou, considerando sua amplitude. A busca por palavras-chave foi realizada no dia 20 de abril de 2016, dois dias após a publicação da reportagem pela *Veja online*. Apresentaremos a seguir, de forma sistematizada, cada etapa das análises que será aqui realizada (Quadro 1).

Quadro 1 – Protocolo de Análise

- |   |
|---|
| <p><b>1. Análise do texto linguístico</b></p> <p>1.1 Itens lexicais de destaque</p> <p>1.2 Técnicas de argumentação identificadas</p> |
|---|

- 1.3 Elementos de destacabilidade
- 2. Componentes externos ao texto**
  - 2.1 Fotos/desenhos/imagens
  - 2.2 Vídeos
  - 2.3 Cores/cena predominante
- 3. Repercussão - contexto**
  - 3.1 Conteúdo presente nas redes sociais?
  - 3.2 Repercutiu em outros meios de comunicação?

## ANÁLISE DO TEXTO LINGUÍSTICO

### ITENS LEXICAIS

Neste espaço, abarcaremos os substantivos e seu conteúdo ideológico, explicitamente revelados, assim como advérbios, adjetivos, verbos e expressões que tenham a capacidade de caracterizar o discurso. A utilização do substantivo *sorte*, no início e no fim do texto, remete ao acaso, ou a uma força que atua sobre as nossas vidas, a depender da crença, para explicitar o fato de Marcela e Michel Temer estarem casados, com tom positivo. No entanto, o motivo da *sorte* de um muito se distingue da do outro. Os vocábulos *paixão* e *romântico* se associam aos adjetivos *sofisticado*, *caro*, *badalado*, *estrelada*, para justificar a sorte de Marcela. Aqui está clara a relação entre o romantismo do marido e sua expressão por meio do luxo e da riqueza. Esse universo também se explicita em alguns nomes próprios no decorrer da reportagem, os quais remetem a celebridades, restaurante renomado, profissionais da moda e da beleza, lugares, todos amplamente conhecidos na alta sociedade, como *Marco Antonio de Biaggi*; *Antiquarius*; *Grace Kelly*; *Martha Medeiros*; *Riviera de São Lourenço*. No discurso está implícito que a sorte de uma mulher está em ter um marido apaixonado e rico. Já a *sorte* de Temer se descortina de fato no final do texto, quando trechos de um poema escrito por ele revelam a intimidade do casal. Vocábulos como *Flamejante*, *Incêndios*, *brasas*, *fogo*, associados a *consumido* e *dissolvido*, expressam o estado de Temer ao ser tomado pela ardente relação sexual com sua mulher. Assim, está implícito no discurso que a sorte de um homem depende de relações sexuais que o façam sentir-se pleno e satisfeito. A dominação masculina e a passividade feminina como modelo aculturado é discutida por Bourdieu. Em suas palavras,

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo - o desejo mas-



culino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 1999, p. 31).

O autor ainda menciona a construção simbólica como responsável pelo comportamento entre os gêneros. Para Bourdieu, a construção simbólica é um processo de aculturação sutil, longo e duradouro, que reforça a visão de mundo dominante/androcêntrica.

Retomando as análises, identificamos que o discurso enaltece a sorte de um homem ao estar ao lado de uma mulher jovem, “43 anos mais jovem que o marido” (LINHARES, 2016). Poderíamos argumentar que o título da reportagem e alguns trechos do texto seriam antagônicos ao que acabamos de analisar. Adjetivos como *recatada*, *do lar* e *discreta*, os quais qualificam a mulher do vice-presidente da República, não condizem, *a priori*, com a forma como ele a descreve em seus momentos íntimos. Ponderamos, no entanto, dois aspectos do discurso: o primeiro se refere à mulher no espaço público e o outro, no privado. Em público, Marcela é *recatada*, *discreta*, *educadíssima*, *usa vestidos na altura dos joelhos* e *de cores claras, luzes bem fininhas* e *aparece pouquíssimas vezes*. No privado, *de vermelho*, *flamejante*, *olhos brilhantes*, *lábios rubros*, para satisfazer os desejos do marido. *Dele, restam cinzas, que espalha na cama, para dormir*. As qualificações de Marcela como modelo de mulher se revelam, também, em outros adjetivos, como *bela*, *jovem* e *do lar*; em alguns verbos como *cuidar*, *levar*, *trazer*; e nas expressões *primeiro namorado*, *sonha em ter mais um filho* e *ainda quer ter uma menininha*. Estes associam beleza a juventude, valorizam o cuidado que ela tem com o filho, com a casa e consigo mesma - para se manter bonita -, reforçando que assegurar o bem do matrimônio - casamento, casa e filhos - é papel da mulher. Evidenciamos que a sociedade patriarcal se manteve como hegemônica, submetendo a mulher a ocupar espaços restritos. Segundo Flack e Wagner (2003), as divisões de papéis eram nitidamente percebidas: o homem era considerado o chefe do lar, o provedor, com autonomia para decidir regras e funções, e a mulher como cuidadora do lar, reclusa somente às suas atividades. Seu lugar estaria reduzido ao privado. Esse sistema patriarcal, vivido com maior intensidade em gerações passadas - hoje com efeito amenizado, graças ao movimento feminista e seus largos passos em prol de direitos para as mulheres -, não está superado. Entendemos que enaltecer esse modelo como ideal de sociedade, como o faz o artigo analisado, é uma das estratégias para a sua manutenção. Mais além, a “pureza” de Marcela ao se casar com o primeiro homem com quem se relacionou, reforça a ideia de que a mulher deve “se guardar” para o marido e não tem direito sobre o seu próprio

corpo. O sonho de ser mãe novamente também evidencia que a maternidade é o grande objetivo de vida da mulher. Ademais, após ter sido mãe de um menino, o primogênito, a plenitude da mulher se concretiza ao ter uma menina, dando à luz a um casal. A mãe de Marcela se mostra personagem significativo no discurso. Sua qualificação se dá por meio dos adjetivos *sacudida*, *loiríssima* e *de olhos azuis* e seu papel se expressa em *acompanhou*, *filha adolescente* e *primeiro encontro*. Aqui o discurso expressa características de uma mãe ativa e de uma filha passiva. O termo *loiríssima* não apenas qualifica sua cor de cabelo, mas, implicitamente, descortina sua personalidade. Era comum no passado que famílias ricas casassem suas filhas ainda adolescentes com homens muito mais velhos por interesses econômicos. Aqui, minimamente se explicita o empenho da mãe em facilitar o relacionamento de sua filha adolescente e um homem 43 anos mais velho. O texto não valoriza as qualificações profissionais de Marcela, ao contrário, ressalta que seu *curriculum vitae* é quase nulo, observado nas expressões: *do lar*; *Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão*, *dois concursos de miss*. Está implícito no discurso que não trabalhar fora de casa é um privilégio para mulheres como Marcela. Ponderamos, ainda, como os vocábulos e expressões *primeira-dama*, *braço digital* e *informado* revelam a posição da mulher à sombra do homem, função da primeira-dama como companheira do político, aqui, ainda evidenciando a função de mantê-lo informado sobre o que acontece no mundo digital e possa interessar a sua imagem como político. Os seguintes vocábulos e expressões demonstram o que cabe ao pai e marido (homem). Primeiramente: *blindada*; *segredos*; *receoso*; *protegido*; *seguranças*; explicitam o papel desempenhado por Temer de resguardar a família e protegê-la. Ademais, *telefonemas*, *vídeos de Michelzinho* (filho do casal), *vinho* e *charuto* são regalias garantidas após *um dia extenuante de trabalho*. Essa última expressão também pode ser interpretada como forma de evidenciar que Temer, além de provedor - papel masculino -, é um bom político, que trabalha duro. O contexto político que o Brasil enfrenta é evidenciado pelos substantivos e expressões *confusão*, *ânimos acirrados*, *convulsão* e *epicentro*, sendo os dois últimos de outros contextos, respectivamente relacionados a sintomas de enfermidade e desastres naturais, como terremoto e maremoto, notoriamente para dar alto grau de relevância à crise. A expressão *quase primeira-dama* explicita que é uma questão de tempo para que ela assuma o seu lugar. A matéria foi veiculada menos de um mês antes da abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, que culminou com sua destituição do cargo, no dia 31 de agosto de 2016. Porém, a *via crucis* da presidente gaúcha iniciou-se no dia 2 de dezembro de 2015, ocasião em que Eduardo

Cunha, então líder da Câmara dos Deputados, acolheu o pedido de *impeachment* de Dilma Rousseff elaborado pelos juristas Miguel Reale Júnior, Janaína Paschoal e Hélio Bicudo. No dia 17 de abril de 2016, a maioria dos deputados (367 votos a favor e 137 votos contra) foram favoráveis à abertura do processo que se consolidou com a aprovação do Senado (55 senadores votaram a favor e 22 votaram contra). Com o andamento do processo, a presidente Dilma Rousseff teria que se afastar do cargo, assumindo, de forma interina, o vice-presidente Michel Temer. Considerando o contexto político, entendemos um posicionamento declarado de que o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff estava assegurado, o que se confirmou subsequentemente.

### TÉCNICAS DE ARGUMENTAÇÃO IDENTIFICADAS

O texto se constrói com qualificações e descrições de episódios da vida de Marcela Temer, caracterizando um discurso biográfico, ainda que nenhuma fala dela apareça ao longo da reportagem. Não se trata, assim, de um discurso em primeira pessoa, nem mesmo de relatos de sua vida narrados por ela e transcritos à jornalista, mas sim da perspectiva de outros personagens sobre sua vida (mãe de Marcela, tia Nina, irmã mais nova, cabelereiro - *famoso pela clientela estrelada*). O tom positivo e até mesmo eufórico, revelado em expressões como *Marcela Temer é uma mulher de sorte*, demonstra a intenção de apresentar a vice-primeira-dama da república como modelo de mulher feliz. O discurso também revela um tom intimista, externado por meio do uso dos apelidos *Mar* e *Mi*, referindo-se a Marcela e Michel, e também de diminutivos como *Michelzinho*, *cabelo tigelinha*, *fininha* e *menininha*. Observamos, ainda, o uso de hipérboles e, por meio delas, o exagero propositado garante o tom dramático do discurso. Essa figura de linguagem se faz presente em *educadíssima*, *pouquíssimas vezes*, *loiríssima*, *um dia extenuante de trabalho*, *ânimos acirrados*. Entre outras metáforas mais lúdicas, como *labaredas de fogo*, *incendiado*, *restam cinzas*, *consumido* e *dissolvido* - as quais se referem aos momentos íntimos do casal, na perspectiva de Temer - estão aquelas que concernem ao estado de crise política do Brasil, como termos normalmente relacionados a outros contextos semânticos e que, por analogia, proporcionam ao discurso um tom alarmante, como *convulsão política* e *epicentro*.

## ELEMENTOS DE DESTACABILIDADE

Entendemos que os elementos de destacabilidade, nesse caso, título, subtítulo e legenda, possuem a vocação de enunciar e tomar uma posição, transvestidas em “fórmulas”. Eles reforçam aspectos do discurso que comporão o texto como merecedores de evidência. Observamos nos três elementos de destaque a intenção de chamar a atenção para as qualidades de Marcela Temer, enfatizar seus gostos, desejos, assim como os privilégios por estar casada com um homem “romântico”. No título, elemento de maior destaque, se lê: *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*. Aqui, identificamos a intenção de evidenciar, além da beleza física - da mulher loira, magra, com traços europeus -, adjetivações que valorizam a mulher reservada, pudica, que não expõe o corpo - que implicitamente não tem direito sobre o próprio corpo - e que centra suas atividades no lar, no cuidado dos filhos, casa e marido, reforçando a ideologia patriarcal que exclui mulheres dos espaços públicos. Essa ideologia é evidenciada no subtítulo, onde se lê: “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”. Aqui, a adjetivação *recatada* é representada pela vestimenta de preferência, pela pouca visibilidade - enfatizando que a mulher não deve estar no centro das atenções políticas. Ademais, o sonho de ter mais um filho reforça o adjetivo *do lar*, empregado no título.

Como símbolo de beleza, associado ao *bela* presente no título, está a juventude e o tom do discurso não apresenta a diferença de idade como um problema para o casal. Pontuamos que o que o subtítulo traz de novo é a expressão *quase primeira-dama*. Ao empregá-la, está enfaticamente explícito o posicionamento político do enunciador, levando em conta o contexto naquele momento, em considerar garantido o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, tratando-se sua consolidação apenas de uma questão de tempo. O terceiro elemento de destaque, legenda da única foto que compõe a reportagem, expressa: “Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos”. Aqui observamos um discurso que reduz Marcela a uma figura passiva - *mulher do vice* -, ela passa a existir em função dele. Temer se apresenta como protagonista de sua história, quem lhe proporciona a felicidade garantida por jantares românticos e tratamento carinhoso.

## COMPONENTES EXTERNOS AO TEXTO

O único elemento aqui identificado é uma foto de Marcela Temer. Ao analisá-la, identificamos que Marcela é o elemento central, em foco - analogicamente, um modelo a ser seguido. Ao fundo, desfocado, está um cenário de luzes douradas e roxas que se assemelha a um restaurante ou salão de festas luxuoso. A protagonista é situada na parte superior do suposto salão, na mesma altura do lustre, sugerindo que ela se encontra em uma espécie de camarote, em uma posição superior. A vestimenta de Marcela reforça o discurso textual da mulher recatada. O vestido, ainda que possua estampa em tons de verde e vermelho, é predominantemente preto. Ainda que luxuoso, apenas parte dos braços dela está à mostra. A maquiagem suave, o cabelo levemente loiro e preso, a presença de acessórios discretos também são elementos que reafirmam essa adjetivação. O sorriso no rosto revela uma mulher aparentemente feliz. Assim, entendemos que o elemento imagético tem função complementar ao texto verbal.

## REPERCURSSÃO – CONTEXTO

### CONTEÚDO PRESENTE NAS REDES SOCIAIS?

Para compreender, ainda que em parte, a dimensão que a reportagem aqui analisada tomou nos espaços virtuais, especialmente nas redes sociais, contamos com um site de busca de *hashtags* e palavras-chave, especificamente no Twitter, e de dados fornecidos pelo próprio Instagram no que concerne ao número de postagens com a *#belarecatadaedolar*, a qual passou a ocupar as redes sociais logo após a publicação da reportagem. No Instagram, até o término deste artigo, foram identificadas 100.695 *posts*, entre fotos e vídeos, os quais fizeram uso da *hashtag* aqui mencionada, título da reportagem. Por uma questão de tempo e objetivos propostos, não pudemos avaliar o conteúdo dessas publicações, porém, observamos uma grande quantidade de fotos de mulheres que visavam desconstruir o estereótipo de “recatada” e a restrição ao espaço do lar, por meio de imagens que simbolizavam a liberdade e direito sobre os próprios corpos e a ocupação de outros espaços, públicos e políticos. Outras *hashtags* surgiram no Instagram como reação ao título da reportagem, como *#belarecatadaedaondeeuquiser*, claramente como forma de resistência ao modelo de comportamento que restringe a mulher ao ambiente do lar. No Twitter, mensuramos um alcance de 774.355 pessoas, sendo 66% de mulheres e 34% de homens, e 1.278.236 ocorrências na *timeline*, tendo

como base a #belarecatadaedolar. No Facebook e Instagram, foi criada uma enxurrada de *memes*, o que impulsionou a própria *Veja online* a escrever uma reportagem a esse respeito (DA REDAÇÃO, 2016). Publicada em 20 de abril e atualizada no dia seguinte, a matéria não é assinada por nenhum jornalista e apresenta em seu conteúdo alguns dos *memes* compartilhados nas redes sociais e considerados pela própria revista como “mais engraçados”. Todos mostraram, de diferentes formas, resistência ao modelo de comportamento feminino apresentado na reportagem da *Veja*. Na introdução, se lê: “Há quem considere que a reportagem endossa o modo de vida de Marcela Temer, e é machista. Outros leram a ironia. E outros ainda simplesmente aproveitaram o título para fazer humor. A interpretação é livre” (DA REDAÇÃO, 2016, N.p.). Não faremos aqui a análise do conteúdo de forma mais acurada, porém nota-se a intenção de defender uma interpretação livre acerca da reportagem anterior, isentando a revista de ser sexista ou machista.

## REPERCUTIU EM OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO?

Certamente não conseguiremos apresentar aqui tamanha repercussão gerada pela reportagem analisada e pelas manifestações de resistência ao seu conteúdo. Para responder a essa pergunta, focamos nossas atenções em outros meios de comunicação também presentes no espaço virtual. Perspectivas diferentes foram expostas em várias reportagens e jornais *online*, como o portal da *BBC Brasil*, que publicou uma entrevista com a historiadora, pesquisadora da história das mulheres brasileiras, Mary Del Priore, que reflete as críticas por parte das internautas como uma visão “intolerante” (PEREIRA, 2016). A revista *Carta Capital* traz uma crítica veemente à reportagem da revista *Veja*, classificando-a como retrógrada, pontuando sua intenção, segundo a revista, de enaltecer Marcela Temer como modelo de mulher e de comportamento, em uma tentativa de fazer oposição ao que a presidente Dilma Rousseff representa - aguerrida, forte e fora do padrão imposto de comportamento (RIBEIRO, 2016). Uma avalanche de *blogs* também debateu a reportagem e seus desdobramentos, especialmente os declaradamente feministas e que combatem o sexismo, como é o caso do *Geledés Instituto da Mulher Negra* (BURIGO, 2016) e *Plano Feminino* (BIANCO, 2016), com críticas à reportagem e incentivos à resistência; e alguns com teor religioso, como o *blog* do Padre Paulo Ricardo (EQUIPE, 2016) e o canal no YouTube da Pastora Elizete Malafaia (SEARA, 2016), defendendo a escolha das mulheres pela modéstia e pelo cuidado do lar, esta última propondo inclusive uma companhia nas redes sociais com a publicação de uma

imagem indicando que a mulher cuida do seu lar, gerando uma espécie de resposta aos primeiros *memes*.

## CONCLUSÕES

Seguindo a trajetória teórica e empírica, buscamos primeiramente realizar uma revisão bibliográfica que nos elucidasse a performatividade de gênero como construída pelo discurso. Assim, sob lentes culturalistas, compreendemos como o discurso define e modela a ação performática no que se refere ao gênero e à sexualidade. Os sistemas simbólicos, como os midiáticos, nesse contexto mostram-se de grande relevância por serem formadores de opinião e nos interpelarem socialmente. Para Silva (2014), é por meio de significados produzidos pelos sistemas simbólicos de representação que os sujeitos dão sentido às experiências. O autor vai além ao afirmar que esses sistemas tornam possível o que somos e o que podemos ou queremos nos tornar. Partindo dessa premissa e observando a dimensão que a reportagem publicada pela revista *Veja online* intitulada “Bela, Recatada e ‘do lar’” tomou nos espaços virtuais, propomos a análise de seu discurso. Fazendo uso do protocolo apresentado por Miguel (2014), buscamos compreender, além do conteúdo em si, o *ethos* do discurso e seu contexto. Concluímos que Marcela Temer é retratada como modelo de mulher feliz e “de sorte”, o que se traduz pelo tom positivo e quase eufórico do discurso, associando sua sorte a ter como marido um homem apaixonado, romântico e rico. Mesmo que a biografia de Marcela esteja no cerne da reportagem, ela está à sombra do marido, considerando que a sua felicidade depende dele e da família por ele proporcionada, financeiramente e emocionalmente, e todas as suas qualificações são centradas no universo do lar. Ainda que o título prefira não explicitar, o discurso revela que a sorte de um homem depende de relações sexuais que o façam sentir-se satisfeito. Assim, identificamos por meio das análises que a mulher, representada por Marcela, é recatada publicamente e *flamejante* no espaço privado, com o intuito de atender aos desejos do marido. O cenário político também faz parte do conteúdo do discurso e o enunciador explicita que a tomada de poder de Michel Temer está assegurada, tratando-se apenas de uma questão de tempo. Aqui, o tom é outro, de alarme no que concerne à crise política que assola o país. A repercussão gerada pela reportagem nos espaços virtuais pautou por alguns dias o debate acerca da performatividade do gênero feminino. Podemos afirmar que o discurso que reduz a mulher e seu comportamento ao modelo apresentado pela *Veja* encontra forte resistência, ao menos nas redes sociais, e os dados quantitativos e qualitativos apresentados

simbolizam essa resistência. Por outro lado, também provoca reações conservadoras, as quais buscam assegurar o modelo tradicional de família em que a mulher se restringe ao ambiente do lar e ao cuidado do matrimônio, questionado há décadas pelos movimentos feministas. Finalizamos pontuando a relevância do fenômeno tecnossocial em curso que democratiza a comunicação e, frente a fluxos multidirecionais, os discursos proferidos pelos meios de comunicação tradicionais - mesmo ocupando espaços virtuais - encontram muito mais embate e, como no caso aqui analisado, desencadeiam outros discursos, mais plurais, os quais também passam a compor os sistemas simbólicos e a interpelar sujeitos a se posicionarem socialmente.

## REFERÊNCIAS

45% DA população brasileira acessa o Facebook mensalmente. **Facebook Business**, [S.l.], 20 mar. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/27Hneg>>. Acesso em: 12 set. 2017.

AUMONT, Jacques. **O olho interminável**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIANCO, Gabi. Como a bela, recatada e do lar foi representada pela revista Veja. **Plano Feminino**, [S.l.], 20 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/tB5dJK>>. Acesso em: 12 set. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BURIGO, Joanna. Em meio à crise, o patriarcado contra-ataca. **Geledés: Instituto da Mulher Negra**, São Paulo, 25 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/VwCM9k>>. Acesso em: 12 set. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DA REDAÇÃO. #belarecatadaedolar: os memes sobre a reportagem de VEJA. **Veja**, São Paulo, 20 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/L2aQNY>>. Acesso em: 12 set. 2017.

EQUIPE CHRISTO NIHIL PRAEPONERE. Qual o problema de ser “bela, recatada e do lar”? (II). **Christo Nihil Praeponere**, [S.l.], 27 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/uPsxtw>>. Acesso em: 12 set. 2017.

FLACK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, número especial, p. 31-38, 2003.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. (Org.). **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence and Wishart, 1990.



LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, São Paulo, 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/LFniG0>>. Acesso em: 12 set. 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

MIGUEL, Katarini. **Pensar a cibercultura ambientalista: comunicação, mobilização e as estratégias discursivas do Greenpeace Brasil**. 2014. 267 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

PEREIRA, Néli. Crítica a “bela, recatada e do lar” é intolerante com Brasil “invisível”, diz historiadora. **BBC Brasil**, São Paulo, 21 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/mt7a9W>>. Acesso em: 12 set. 2017.

REDAÇÃO OLHAR DIGITAL. Veja a lista das redes sociais mais acessadas no Brasil. **Olhar Digital**, São Paulo, 28 maio 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/2CZPhH>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

RIBEIRO, Djamila. Bela, recatada e do lar: matéria da “Veja” é tão 1792. **Carta Capital**, São Paulo, 20 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/WyYvcM>>. Acesso em: 12 set. 2017.

RIBEIRO, Laura. Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil. **Rock Content**, Belo Horizonte, fev. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/jpe72t>>. Acesso em: 12 set. 2017.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SEARA, Berenice. Mulher de Malafaia contraataca a campanha “Bela, recatada e do lar”. **Extra**, Rio de Janeiro, 27 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/AUpGLf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.

## NOTAS

- 1 *Queer* pode ser traduzido por estranho, excêntrico. Essa terminologia possui uma carga de estranheza e ironia e é assumida por uma vertente dos movimentos sociais que defende os direitos dos homossexuais e luta contra a homofobia para demonstrar seu caráter transgressor e de contestação. Assim, *queer* significa opor-se à normalização. Seu alvo direto de oposição é, enfaticamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade.
- 2 Disponível em: <<http://keyhole.co/>>.

Artigo recebido em: 5 de setembro de 2016.

Artigo aceito em: 10 de julho de 2017.